ANO I—N.º 259 | PREÇO, 2 CENTAVOS | Sexta feira, 14 de Novembro de 1919

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Telacto—Lacto • Telefone:
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A TUBERCULOSE

Pensa-se em organizar, segundo lemos, uma defesa contra a tuberculose, para ser exercida em todos os paises. Parte a iniciativa de Paris, que sempre foi terra de grandes iniciativas. A tuberculose, que é a mais mortífera das moléstias que flagelam a pobre humanidade, vai alargando cada vez mais a sua esfera de acção, e de ano para ano aumenta o número de vítimas que tombam, de pulmões dilacerados pelo terrível bacilo. A pontos que, ou se trata do caso como êle merece, ou triunfará a pertinácia do micróbio da fraqueza do homem.

Pois pretende-se agora atacar a tuberculose. Muito bem. Resta saber quais os processos a adoptar. Porque o poder mortífero da tuberculose deriva, essencialmente, do estado de depauperamento a que chegaram as classes famintas, entre as quais a terrível enfermidade principalmente se ceva. A tuberculose é, com efeito, a doença da miséria, do esgotamento, do *surménage*, da má alimentação. Os ricos adoecem também, mas outras doenças são as suas, resultantes do sedentarismo, da incontinência, e logo o artritismo, com a adjacente gôta e obesidade vem cobrar o tributo fatal que a natureza faz pagar àqueles que das suas leis se afastam.

De maneira que fica uma pessoa a cogitar sôbre os meios que há intuito de adoptar para combater a terrível moléstia. O bacilo da tísica não é, averiguada a verdade, tam mortífero como durante muito tempo o supuzeram. Perante um homem na plenitude do seu vigor, nada pode o micróbio. No organismo duma criatura forte a tuberculose não vinga. *Natura morborum medicatrix.* As células defendem-se do mal e aniquilam-no, a menos que o seu poder defensivo se tenha perdido. E só a tuberculose prospera e medra entre a massa fisicamente abastardada dos sofredores. ¿Que remédios serão então propostos?

Teem muitos de nós buscado o médico, desde que atingidos pela anemia, pelo linfatismo, pela tuberculose, a pedir a saúde perdida. O remédio aconselhado, quási nunca teem meios de praticá-lo os combalidos consulentes.

«Não trabalhe tanto, alimente-se melhor, procure os ares da Serra da Estrela ou da Madeira»—diz o médico. ¿Mas como há de um trabalhador reduzir-se a tarefa se já mesmo com fadiga mal ganha para manter-se e à família? ¿E onde irá um operário buscar meios que lhe permitam melhorar o passadio? ¿E quem lhe dará a possibilidade de esquivar-se à atmosfera miasmática das cidades para procurar no ar lavado da montanha a vida que lhe foge, a saúde que o desampara, a fôrça de que se vê privado?

Positivamente, a tuberculose só recuará mediante uma transformação social, e profundíssima. Se o pavoroso mal advem da miséria, o remédio está em atacar a causa, e tudo o mais são paliativos *pour épater*, que nada resolvem e apenas iludem a questão. As classes burguesas, que de vez em quando se fingem interessadas em combater os avanços da tuberculose, são as primeiras a contrariar aquelas reclamações operárias donde deriva uma reparadora diminuïção de salário, ou um aumento de proventos que permita aos explorados uma melhor alimentação e mais algum confôrto. ¿Que resultados pode, portanto, dar uma campanha internacional contra a tuberculose que não exare no seu programa, em primeiro lugar, a melhoria das condições de vida para aqueles que, sem essa providência, continuarão a ser vitimados?

Nesta como noutras teatrais manifestações comiserativas há uma percentagem extraordinária de hipocrisia que a nós compete denunciar.

A tuberculose é um mal social. E males sociais não se resolvem dentro da mesma organização que os engendrou e deixa subsistir. Não conservemos ilusões. A tuberculose continuará ceifando, em cada ano, milhares e milhares de vidas, enquanto a fome fôr promovendo o pauperismo extremo entre a multidão imensa dos que se esforçam. Remédio há só um, definitivo. Está longe, mas está ao nosso alcance. Ponto é dispormo-nos a banir, para sempre, a iniqüidade preparando a alforria económica e a ressurreição física para todos os seres humanos.

Á falta de braços no Alentejo

Não existe

Do nosso camarada e amigo Joaquim José Candieira, secretário geral da Federação dos Trabalhadores Rurais, cuja sede é em Evora, recebemos a seguinte carta, a propósito de um discurso do deputado socialista sr. José de Almeida, pronunciado no parlamento:

«*Camarada redactor.*—Revoltaram-me bastante as declarações feitas na câmara dos deputados pelo sr. José de Almeida, que afirmou que as colheitas não se faziam no Alentejo por falta de braços e que seria necessário licencear os soldados para irem fazer êsse trabalho. Não resta dúvida que entre os soldados muitos há que desejariam ir trabalhar, o que não lhes permitem, mas o que o sr. José de Almeida deveria ter dito era que as sementeiras no Alentejo não se fazem porque os lavradores não querem, não aproveitando os *seus* terrenos, nem deixando que os outros os aproveitem. Eles querem que os trabalhadores rurais iniciem a tarefa cotidiana hora e meia e mais antes de nascer o sol e os que deviam ter 30 arados para semear 300 hectares, teem só 5 para trabalharem igual porção de terreno. Serve-lhes isso para diminuirem o número de trabalhadores, dizendo-lhes que não podem semear mais porque não teem tempo, sendo necessário trabalhar mais algumas horas. Explica-se êste caso porque convém aos lavradores semearem pouco e colherem pouco, porque assim conseguem ganhar mais dinheiro do que semeando muito. O sr. José de Almeida deveria ter dito no parlamento que os lavradores em grande escala estão com os olhos fixos na bancarrota, esperando que seja tal a desvalorisação da moeda que não se possa importar trigo exótico, podendo então alterar à vontade os seus artigos. A prova é que estão semeando na maioria cevada e aveia nos poucos alqueives que tinham feito, tendo até alguns vendido terras com a condição das sementeiras de trigo não excederem as necessidades de consumo. Há óptimas terras de semeadura que poucos são os que se lembram da última vez que foram trabalhadas. Na minha opinião, sr. José de Almeida, o govêrno devia ter obrigado os donos da terra a cultivá-las ou, então, a entregá-las a quem melhor as aproveitasse. ¿Mas quem me diz que v. ex.ª é também possuidor de herdades cheias de matos e acoitadas para criar coelhos, a fim de se divertir nas suas numerosas horas vagas? Assim fazem os lavradores do Alentejo, assim fizeram os grandes da monarquia e assim talvez fazem os doutores, parlamentares e diplomados da República, porque a verdade é que são todos os mesmos.»

EM SETUBAL

A QUESTÃO DA PESCA

O conflito tende a solucionar-se—Chegam, finalmente, os cêrcos americanos a vapor—A vereação e o imposto municipal

SETUBAL, 13.

Pelas 16 horas de hoje chegou, finalmente, a Setúbal, comboiado pelo «destroyer» *Tejo*, o cêrco americano a vapor *S. Martinho*, trazendo a seu bordo, além da companha que aqui se vem matricular, vários fabricantes e delegados das classes anexas à indústria de conservas.

A' praia afluiu enorme quantidade de povo e grande número de operários das fábricas de conservas, a fim de assistirem à chegada dos fabricantes e delegados das classes operárias da indústria de conservas, bem como dos respectivos barcos.

Compareceu no cais um contingente de infantaria 11, cavalaria e infantaria da guarda republicana, guarda fiscal, marinha e polícia.

A' hora a que escrevo é esperado o vapor *S. Francisco II*, que, segundo dizem, trará a reboque vários lugres com sardinha e virá comboiado pelo «destroyer» *Douro*.

Felizmente, como se receava, não houve qualquer conflito a registar.

O vapor *S. Martinho* seguirá àmanhã para a pesca, o mesmo sucedendo, provavelmente, ao outro cêrco.

—Por informação colhida ao de leve soube ter a classe marítima acordado com o administrador do concelho em voltar ao mar logo que o tempo o permita e aceitar as condições apresentadas e aprovadas por todas as classes interessadas neste conflito no dia 20 de Outubro, e que são: a venda da sardinha, com pagamento no acto da compra, às firmas que àqueles não merecerem confiança.

Do que houver de verdade sôbre êste caso, alguma coisa direi.—C.

Assalto aos buques—Apedrejamento dum polícia

SETUBAL, 13.

Agravou-se hoje o conflito com os pescadores, tendo sido assaltados os buques do cêrco de Lisboa e obrigado a «garrar» uma das embarcações.

A guarda republicana tem feito correrias pelas ruas e os protestantes apedrejaram a fábrica «A Pensativa».—C.

Convite

A U. J. S. P. convida os camaradas que se encontravam presos, e os que saíram afiançados até ao dia 10 do corrente, a comparecerem na sede desta União, pelas 20 horas, para assunto urgente e inadiável.

PELA POLÍTICA

Encomendando aos poderes públicos a realização dos fins humanos: a instrução, a beneficência, a defesa social, a religião, a justiça, todas as fontes da riqueza, põe-se em suas mãos a corda com que os povos hão de ser estrangulados.—*El Diluvio*, Barcelona, 14-2-1905.

No palco parlamentar

E' fartar, vilanagem! Como vamos pagar todos os prejuízos sofridos pelos srs. Afonso, Norton, Leote & C.ª em 5 de Dezembro

Como se sabe, o govêrno apresentou à câmara dos deputados uma proposta de lei indemnizando aqueles que *durante o período da rebelião monárquica, em Janeiro e Fevereiro último*, sofreram em seus bens, mobiliários ou imobiliários, prejuízos causados por facto dos rebeldes ou por defesa própria ou agressão aos mesmos rebeldes. Essas indemnizações seriam pagas por um imposto adicional de 50 % (a câmara aumentou para 150 %) nas contribuições directas: industrial, de juro, predial e sumptuária a pagar pelos indivíduos que foram agentes da rebelião ou nela de qualquer modo cooperaram ou a ela prestaram adesão e, bem assim, por todos aqueles que durante o período da rebelião se declararam em atitude de hostilidade ou animadversão à República.

Até aqui, nada há que dizer. A comissão parlamentar de finanças, encarregada de dar sôbre esta proposta o seu parecer, entendeu, porém, introduzir no projecto um artigo pelo qual *o Estado indemnizaria, pela sua justa importância*, aqueles que tivessem sofrido prejuízos em bens mobiliários ou imobiliários sofridos, por ocasião de movimentos políticos, *desde 5 de Dezembro de 1917*. Para o pagamento dessas indemnizações pelo Estado era arbitrada a conta calada de mil e duzentos contos.

Ora foi êste o artigo que ontem foi acaloradamente discutido na câmara. E havia razão para isso, pois se o dinheiro do Estado é o dinheiro de todos nós, não se compreende que nós tivessemos de pagar os prejuízos sofridos pelos srs. dr. Afonso Costa, Leote do Rêgo e Norton de Matos, quando em 5 de Dezembro as suas residências foram assaltadas.

Além disso, como bem fez notar o sr. Jorge Nunes, em virtude dêste artigo, também os nossos *amigos* comerciantes que foram vítimas—coitadinhos!—de assaltos aos seus estabelecimentos, deveriam ser indemnizados. O partido socialista tomou uma atitude dúbia, pois em moção apresentada reconhece que os autores de lesões patrimoniais, por virtude de movimentos políticos, devem ser, quando se apurem, responsáveis pelas lesões causadas, mas, quando não possam solvê-la os directos responsáveis, o Estado deve assumir a responsabilidade subsidiária.

No final de muita discussão foi a moção da minoria socialista aprovada, é claro, pela maioria e o artigo aprovado com a necessária emenda de que os prejuízos em vez de serem indemnizados pelo Estado o sejam pelos responsáveis dos danos causados.

Uma poeira atirada aos olhos do Zé Trabalha, pois, já pela aprovação do princípio estabelecido pelos socialistas, já porque os tais agentes de rebelião, mesmo ficando sem camisa, não poderá pagar todas as indemnizações, há de ser o Estado, isto é, nós todos, quem pagará os prejuízos dos srs. Norton, Leote, Costa & C.ª Veremos se não serão êstes os primeiros indemnizados!

¿Mas quem indemnizará os jornais, as associações e as casas dos proletários assaltados e saqueados durante o consulado daquela fatídica firma?

O' da guarda! O Estado está roubado!—A moralidade do sapateiro de Braga não é usada pelos senhores parlamentares

Firmando-se no princípio altamente moral do célebre sapateiro de Braga, que preconizava o «comem todos ou não come ninguém»,—o sr. Dias da Silva queria que também fôssem indemnizados aqueles indivíduos que foram presos durante o dezembrismo por motivos políticos ou sociais. E nesse sentido manda para a mesa a seguinte proposta:

«Proponho que seja extensiva a indemnização a que se refere o artigo 12.º a todos os indivíduos que, por se terem revoltado contra a situação dezembrista, sofreram prisão ou foram vítimas de perseguições, e que por elas sofreram prejuízos nos seus vencimentos ou salários».

A câmara, é claro, rejeitou esta proposta. Era o que faltava! O Estado a indemnizar os pequenos. Aquilo é só para os graúdos. Pois então, como é?!

Em compensação, a mesma câmara resolveu dar um novo prazo de 15 dias para apresentação de pedidos de indemnizações referentes a prejuízos para os quais êles não tenham sido ainda formulados.

E' um convite em forma. Amigos: o cofre está aberto. Nada de cerimónias. Toca a meter a manápula.

A aprovação destas disposições legais foi acolhida com àpartes, como estes dos srs. Jorge Nunes e Francisco Cruz:

—O' da guarda, que o Estado está roubado!

—Vamos ter novos «novos ricos!»

«Cautelinha!»

O *Século*, da noite, talvez por amabilidade para com o ministro das finanças, dizia ontem:

Parece que não foi bem ouvida, ou não foi bem reproduzida, a frase que nos disseram ter o dr. Ramada Curto dirigido ontem, particularmente, ao ministro das finanças. O «leader» socialista não teria dito ao sr. Rêgo Chaves que tivesse cautela, muita cautela, ou sequer que tivesse "cautelinha".

Como nós ouvimos claramente, com êstes ouvidos que a terra há de comer, a resposta do sr. Ramada Curto, sustentamos o que ontem afirmámos em nossa reportagem parlamentar.

Nos bastidores

Verídica e inédita

A nossa coscovilhice nos Passos Perdidos não deu ontem nenhum resultado apreciável. De interessante, apenas esta anedota cuja vericidade nos foi garantida:

O sr. Brito Camacho, com a curiosidade despertada pela animada conversa de um grupo de deputados, aproxima-se, sendo recebido com afabilidade.

—Olhe, doutor. Estava-se aqui a falar mesmo em v. ex.ª

—A que propósito?

—Discutia-se qual o papel que virá a caber de futuro a cada um dos vultos mais eminentes da nossa política, e, é claro, que v. ex.ª não poderia ficar esquecido.

—E que papel me reservaram?

—O papel de embrulho!

Colonos portugueses para a Africa francesa

Noticiava ontem *A Capital* que, segundo se diz, o govêrno será brevemente interpelado na câmara dos deputados, acêrca duma pretensa convenção, que se diz ter sido apalavrada em Paris e pela qual o govêrno se obrigou a fornecer colonos para a Africa francesa, enviando a França, em troca, fosfatos e outras matérias primas.

Mais uma vez se verifica que os cidadãos—os cidadãos pobres, é claro—são para o Estado uma manada de carneiros de que se pode dispôr à vontade. Ele manda homens para o matadouro, êle os troca por fosfatos...

E digam que a escravatura acabou!

Por não ser possível adquirir papel, para a totalidade da impressão do jornal *A Voz do Operário*, os corpos gerentes desta sociedade comunicam-nos que se viram forçados a fazer apenas metade da tiragem do seu número de domingo passado, dêsse transtorno resultando que muitos sócios não receberam o exemplar que lhes competia.

OS SINDICATOS ÚNICOS

Está-se organizando o da Indústria Mobiliária

O que acêrca dos trabalhos preparatórios e dos motivos que levaram as classes mobiliárias à fusão, nos diz um militante operário da indústria

Um dos assuntos mais debatidos no Congresso Operário de Coimbra foi o que respeitava à constituição dos Sindicatos Únicos. E' uma inovação sôbre a qual divergem os critérios, existindo duas correntes desencontradas: uma que defende calorosamente as vantagens oferecidas pelo Sindicato Único, a outra que desmente essas vantagens e procura manter a velha organização por ofícios. Certo é, porém, que classes importantes trabalham pela constituição dos Sindicatos Únicos, existindo já o dos Metalúrgicos, e estando em formação o da Construção Civil e Indústria Mobiliária.

Adiantados vão os trabalhos para a fundação dêste último, estando entregues a uma comissão organizadora que se tem desempenhado bem da pesada tarefa de que foi incumbida. Sabendo nós que o camarada marceneiro Alfredo Marques, um dos mais activos e persistentes militantes da indústria mobiliária, é um apaixonado pelos Sindicatos Únicos, procurámos colher alguns informes acêrca do que se está passando no seio dos operários da indústria mobiliária, ao que êle se não escusou, acedendo até com certa alegria, satisfeito com o facto do operariado ir conhecer, através do seu porta-voz, a obra construtiva que estão operando os homens que trabalham a madeira.

Era velha idea a fusão das associações mobiliárias num só sindicato, robusto e dotado de bastantes elementos.

—¿Afigura-se-vos que com a fundação do Sindicato Único melhorará a vossa organização?

—Necessàriamente. Antes do Congresso de Coimbra a maioria dos sindicatos da indústria mobiliária tinha assentado na fusão das classes e na constituição de um só sindicato. Como compreendes, as resoluções do Congresso não anularam as nossas intenções, antes mais nos animaram a transformar numa rialidade essa antiga idea.

—¿Mas não existia a Federação do Trabalhadores da Indústria Mobiliária?

—Sim, efectivamente existia a Federação, mas ela nunca desempenhou cabalmente o seu papel, limitando-se a sua acção, que ainda assim não tinha a continuidade necessária, às associações de Lisboa, nunca tendo conseguido estabelecer relações com a província. Disto resultava termos uma porção de sindicatos fracos, não exercendo nenhum deles uma acção enérgica e disseminando-se os poucos elementos existentes pelas numerosas comissões administrativas, conselhos fiscais e outras peças da complicada engrenagem associativa. Muitas questões que interessavam às classes, não eram tratadas com a persistência necessária. Basta citar o que se passou com a liberdade de exportação de madeiras nacionais:—em consequência dessa facilidade de exportação, saiu a melhor madeira que havia no país, exportou-se mesmo em demasia, o que durante muito tempo manteve suspensa sôbre as classes a ameaça duma crise. Apesar disso, as associações não se interessaram pelo caso como era seu dever.

—Por culpa dos militantes?

—Não. Eles davam o máximo do seu esfôrço à organização e, devido à complexidade desta, pouco tempo lhes sobrava dos cuidados administrativos. Por isso, apesar de toda a boa-vontade dêsses camaradas, o caso da exportação de madeiras e outros foram apreciados superficialmente, do que tem resultado sérios prejuízos para as classes.

—¿Foi então em vista disso...?

—...Que resolvemos constituir o Sindicato Único. Mas não quizemos adoptar o novo método de organização sem consultar as associações da província, para o que convocámos, por três vezes, inùtilmente, o congresso corporativo. Aproveitando o ensejo, tratei em Coimbra, juntamente com o meu camarada José Luís das Neves, delegado dos Estofadores, de entabolar negociações com os delegados das associações mobiliárias de outros pontos do país, ficando entre nós consertado que cada um procuraria, na respectiva localidade, trabalhar dedicadamente para a fundação do respectivo Sindicato Único.

—¿E quando voltaste de Coimbra?

—Ao chegar aqui apresentei à assembleia geral dos marceneiros uma proposta para que se constituísse, no mais curto espaço de tempo, o Sindicato Único da Indústria Mobiliária, proposta que foi aprovada, constituindo-se imediatamente uma comissão de cinco membros para lhe dar execução. O primeiro cuidado dessa comissão foi oficiar às associações federadas, convidando-as a enviarem, cada uma, três delegados, para constituírem a grande comissão organizadora.

—¿E as associações corresponderam a êsse convite?

—Todas elas corresponderam, exceptuando a dos Colchoeiros, não por falta de vontade, certamente, mas pela morosidade que tem havido para a convocação da assembleia geral. Houve uma outra classe—a dos Estofadores—que a princípio um pouco hostilizou a criação do Sindicato Único, porque julgava que, com a sua constituição, perderia a sua autonomia profissional. Esse mal entendido foi por mim dissipado numa assembleia onde expliquei pormenorizadamente as bases em que assentava o novo método de organização.

Os trabalhos para a constituição do Sindicato Único prosseguem activamente, devendo ser inaugurado brevemente

—¿Entraram já em trabalhos práticos?

—Após a constituição da comissão organizadora, foi esta dividida em sub-comissões, que tinham a seu cargo o estudo da situação e aspirações das várias classes da indústria mobiliária. Reclamámos dos sindicatos auxílio monetário, que prontamente veiu, e vamos efectuar, até ao fim do corrente mês, uma série de sessões de propaganda do Sindicato Único em que falarão camaradas autorizados pelo seu esfôrço em prol da organização, reconhecida boa vontade e larga fôlha de serviços. Depois dêstes trabalhos preparatórios, fizemos distribuir entre as classes um extenso manifesto, onde se salientavam as vantagens que para os operários da indústria mobiliária resultavam da adopção do novo método de luta e organização.

—¿E que tencionam fazer de futuro?

—Contamos que até ao fim do ano esteja constituído o Sindicato Único, que imediatamente dará ingresso na C. G. T. Assim que estiver constituído o novo organismo, imediatamente trataremos dos problemas que interessam não só aos operários da indústria mobiliária em particular, mas a todos os trabalhadores em geral. Esforçar-nos-êmos por conseguir a realização do congresso corporativo e a fundação da Federação. Estudaremos a forma de montar uma Bôlsa de Trabalho e um Cofre de Solidariedade. Além disso, está incluído no nosso programa o estudo da melhor forma de se conseguir o aperfeiçoamento da educação profissional, a fiscalização do trabalho dos menores e das mulheres, e aplicação da lei das 8 horas. Também nos preocupa a introdução da maquinaria aperfeiçoada na nossa indústria que, se não fôr feita com a necessária cautela, pode causar sérios prejuízos à classe. Enfim, esperamos que, brevemente, o Sindicato Único da Indústria Mobiliária seja um dos mais bem organizados e combativos adentro da C. G. T.

AS 8 HORAS DE TRABALHO

Só pelo facto dos governantes seguirem, de há longa data, a norma de não cumprirem promessas nem leis, se pode justificar a sua atitude perante os atropelos que se vão fazendo ao regulamento das oito horas de trabalho máximo.

Unicamente na cobrança de impostos e de multas êles são apressados; sòmente usam de zêlo extremo para meter em enxovias sórdidas os que ousam revoltar-se contra a carestia da vida. Para espezinhar, rebaixar as justas pretensões dos trabalhadores, encontram energia de sobejo, baionetas a postos e espingardas servis. Mas para defender uma aspiração do povo (que para legalistas bastaria ser lei para que não fôsse atacada) não há baionetas, não há canhões, não há sequer a célebre tolerância tam enaltecida, para garantir o seu cumprimento.

As transgressões continuam. ¿Acaso mandam os governantes afixar pelas paredes manifestos violentos incitando o povo a obrigá-los a entrar na ordem, como o fizeram quando da greve ferroviária? ¿Já alguém viu as portas das fábricas transgressoras rodeadas pela fôrça pública a fim de manter o respeito pela lei do Estado?

O Capital e o Estado são compadres—compadres que nunca se zangam. Um pratica os crimes, o outro desculpa-lhos e defende-os; acontece muitas vezes praticarem ambos o mesmo crime e encostarem-se um ao outro.

O povo trabalhador tem que acatar, tem que suportar todas as leis iníquas que o cérebro governamental queira despejar sôbre êle, e, se porventura, uma lei aceitável aparece para o beneficiar, de nada vale, de nada serve, porque só neste caso a transgressão não é castigada.

O momento já não é para ilusões; a verdade ressalta, o contraste é flagrante. Dum lado os que querem aproveitar-se do mal-estar e da miséria do povo, para encherem a bôlsa; do outro o povo paciente, trabalhador e sofredor.

Bom seria que a santa aliança do Capital e do Estado não abusasse dos que gemem sob a sua pata e pensasse um pouco nessa banalíssima frase—a paciência também se esgota um dia.

A polícia aconselha os comerciantes a transgredir a lei!

Ontem à noite andou pela rua Augusta o polícia 1301, da 2.ª esquadra, avisando os comerciantes de que podiam ter os seus estabelecimentos abertos até às 21 horas. Alguem que observou a recomendação que o polícia andava fazendo e achando o facto muito extraordinário, pois trata-se de um atropêlo à lei, telefonou para o govêrno civil, preguntando quem deu semelhante ordem, recebendo como resposta que o facto era ali completamente desconhecido!

Sôbre êste caso recebemos da comissão de vigilância da organização dos empregados no comércio a seguinte comunicação:

«Somos informados de que a polícia andou a avisar os negociantes de que podem estar com os estabelecimentos abertos até às 21 horas. Alerta, pois, empregados no comércio! Não vos deixeis ludibriar pelos patrões. Se tal abuso se cometer, estamos certos de que sabereis portar-vos à altura da vossa dignidade ou a chamada lei das 8 horas é uma burla.»

Pessoal da Imprensa Nacional

Acêrca do não cumprimento da lei das 8 horas na Imprensa Nacional e da ordem de serviço n.º 237, anteontem publicada, travou-se na assembleia geral desta classe larga discussão, sendo lastimado o facto de haver indivíduos na Imprensa—segundo declaração do director geral—tais como das secções da impressão, alçado e do *Diário do Govêrno*, que se ofereceram para trabalhar todas as horas que fôssem necessárias. Ainda sôbre o que diz a ordem de serviço acêrca da intensificação de trabalho na impressão, foi declarado que essa intensificação não se pode fazer, já pela falta de pessoal, já porque a maioria do maquinismo está em mau estado e é antiquado, e o trabalho da impressão está em muita desproporção com o trabalho da composição. Foi resolvido por fim que a direcção continue a trabalhar pelo integral cumprimento da lei e igualdade de gratificação nos trabalhos extraordinários, agregando a si os elementos que julgue convenientes. Foi apresentada uma proposta para que se aumente a cota e se publique um manifesto ao pessoal.

EM GUIMARÃES

O horário escandalosamente transgredido

Aqui, como noutros concelhos, não existe o menor respeito pela lei.

Em grande parte os industriais não a cumprem, obrigando os seus *servos* a trabalhar mais horas do que o decreto estabelece. Chegam constantemente, à União dos Sindicatos Operários, queixas pedindo providências imediatas contra os abusos que se estão praticando.

Das povoações pertencentes a êste concelho, como sejam Vizela, Pevidem e Taipas é-nos participado que ali a lei não se cumpre. Na povoação de Pevidem uma das fábricas está laborando durante toda a noite, apesar de há muito não ser permitido o trabalho nocturno depois do serão habitual.

De Fafe também recebemos um protesto da Associação dos Trabalhadores, contra o facto de ali se transgredir escandalosamente o novo horário de trabalho.

O que é digno de registo é o administrador de Fafe, que tem por obrigação fazer cumprir a lei, dirigir ameaças à comissão enviada pelos trabalhadores, pelo facto de êstes lhe lembrarem os seus deveres.—C.

EM SETUBAL

Na mina de cimento da Rasca não é respeitada a lei das 8 horas, pelo que os operários há dias se declararam em greve—Oito operários despedidos por exigirem o seu cumprimento

SETUBAL, 13.

Sôbre êste grave assunto transcrevemos, com a devida vénia, do nosso colega *O Setubalense*, do dia 6 do corrente, a seguinte local:

«Sempre o eterno trabalho na roça e sempre, sempre, os eternos «senhores» a explorarem os seus escravos.

O que vai pela Mina do Cimento é simplesmente fantástico. Distante de Setúbal apenas uma hora, essa localidade parece encravada nos confins de Africa, onde os roceiros exploram ignobilmente os desgraçados que teem a desdita de ir para ali trabalhar.

Trabalhar! Vida de cães, se é que estes não são mais felizes, é o que êles ali passavam, no mourejar contínuo, não vendo mais que as águas límpidas do Sado ou o azulado do firmamento, quando não andam no fatigante trabalho de toupeiras, no interior da terra, buscando a matéria prima que se há de transformar em riqueza para os seus patrões anónimos, os accionistas da mina. E' uma legião de obreiros que continuamente arranca da terra o cimento, que é vendido por bom preço, pouco se importando a companhia (e é ao presente portuguesa a malvada!) que os seus operários se envenenem com o pó que as máquinas espalham pela atmosfera, ou que ali morram à míngua de socorros, quando algum desastre lhes sucede.

Mas os escravos também querem a sua carta de alforria e tanto assim é que se declararam em greve no sábado, impondo à Companhia do Cimento o cumprimento integral da lei das 8 horas de trabalho e o pagamento de 1$650 réis por essas 8 horas de extenuante labuta.

Esses infelizes, que outro nome não se lhes pode dar, foram hoje avisados pelo director da Mina que ou retomavam o trabalho, trabalhando as 11 horas antigas, ou que eram despedidos dos seus quartéis (casas compridas onde dormem como condenados).

E já porque êsse sr. director não quer respeitar o horário de trabalho, que é lei do país, já porque teima em não lhes pagar os 1$650 réis diários (que miséria!) encontram-se paralisados para cima de duzentos homens, aguardando que justiça seja feita às suas humanas reclamações.

E' assim a tirania de el-rei Dinheiro!»

No dia 7 partiu para junto desta mina a cavalaria da guarda republicana aquartelada nesta cidade, a fim de, com os seus processos—*garantir o trabalho*, mas não, infelizmente, para fazer entrar nos eixos a emprêsa daquelas plagas.

E como os forçados daquela roça não teem associação nem tão pouco quem os oriente devidamente, receando a brutalidade da fôrça armada, deram por finda a greve e lá continuam, para sua desgraça, a trabalhar 11 horas.

A s. ex.ª o democrático presidente do ministério, que, para desgraça de todos nós, para ai nos govêrna, apontamos mais esta infame exploração, a qual decerto também ignorará.

Senhor Sá Cardoso urge que v. ex.ª obrigue o *soba-mor* daquele estabelecimento a readmitir os oito operários que injustamente despediu por pretenderem fazer respeitar uma regalia que de direito lhes pertence, fazendo assim acatar uma lei sancionada pelo govêrno da sua presidência.

Providências, sr. Sá Cardoso! Providências!

—Por alguns comerciantes mais renitentes desta cidade, custou a ser cumprida, também, a lei das 8 horas, sendo necessário, para alguma coisa se conseguir, a intervenção da autoridade e das comissões de vigilância dos empregados no comércio. Apesar de tudo, ainda se notam algumas transgressõesinhas.

No entanto, a L. C. dos Lojistas deitou nota oficiosa, declarando respeitar as regalias que a lei concede aos seus empregados, mas não abdicando do direito—é claro—de defender os seus *molestados* interêsses, passando a abrir as suas portas—dos estabelecimentos, está visto—às 8 e encerrando-as às 20.—*Safaram-se.*—C.

EM VENDAS NOVAS

VENDAS NOVAS, 5.—Manuel Abrantes escreve-nos declarando que, apenas quatro dias depois da publicação do regulamento, o horário de trabalho começou a ser respeitado por alguns comerciantes desta localidade.

O caixeirato de Vendas Novas vai em breve ingressar na C. G. T., para que as suas regalias sejam mais respeitadas.

Reúne hoje a União dos Sindicatos Operários

Para se tomarem deliberações de carácter inadiável, na questão do horário das 8 horas, e resolver sôbre a nota oficiosa da C. G. T., reúne hoje, impreterivelmente, às 20,30 precisas, a assembleia de delegados.

Mais um Sindicato Único Metalúrgico

O secretário geral do Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa, comunica-nos que recebeu um ofício do Porto, participando ser um facto o Sindicato Único Metalúrgico naquela cidade, facto confirmado pelo inteligente e prestimoso camarada António Soares de Aguiar que, de passagem em Lisboa, esteve no Sindicato conferenciando com o secretário geral sôbre o próximo Congresso de Indústria

Contra os senhorios gananciosos

União dos Sindicatos Operários de Lisboa

Reúne hoje, às 20,30, a comissão de estudo da questão do inquilinato, a fim de dar andamento aos trabalhos encetados para a realisação do grande comício público.

A U. S. O. recorda a todos os sindicatos que devem realizar sessões de propaganda com a maior brevidade, porque o assunto assim o reclame.

Uma sessão de protesto na Associação dos Chapeleiros

Na Associação de Classe dos Operários Chapeleiros realizou-se uma sessão de protesto contra a desmedida carência das rendas das casas, fazendo uso da palavra delegados da U. S. O., Federação da Construção Civil, Manufactores de Calçado e Indústria Mobiliária, sendo todos unânimes em verberar asperamente a apatia do govêrno deixando que os senhorios mais agravem a carestia da renda das casas. No final foi aprovada a seguinte moção:

«Atendendo a que com a terminação da guerra, as classes trabalhadoras julgaram receber algum benefício, que lhes melhorasse um pouco as agruras da vida, mas enganando-se, porque os assambarcadores dos géneros e artigos de primeira necessidade, de mãos dadas com os gananciosos senhorios, com a aquiescência criminosa dos governantes, tentam levar-nos o que de mais caro temos, que é a honra, honestidade e o bem estar das nossas famílias; os operários chapeleiros, reunidos em sessão de protesto contra a carência das rendas das casas, resolvem dar todo o seu apoio moral e material à U. S. O., para a realização do grande comício público de protesto».

Vida cara e difícil

A saída de açúcar de Lisboa

A direcção geral do comércio agrícola oficiou à direcção fiscal de exploração de caminhos de ferro e à direcção geral dos caminhos de ferro do Estado, no sentido de que dêem conhecimento a todas as emprêsas ferroviárias e caminhos de ferros do Estado de que não devem ser aceites as guias de trânsito para a saída de açúcar de Lisboa, sendo, portanto, consideradas nulas quando apresentadas para o efeito de despacho em qualquer estação ou posto aduaneiro. De futuro, o açúcar só poderá ser despachado mediante nota de expedição, com o carimbo e assinatura do proprietário da refinaria expedidora e visada e autenticada com o selo branco da direcção geral do comércio agrícola. A mesma direcção também oficiou às câmaras municipais do país, notificando-lhes que de futuro todas as requisições para açúcar deverão ser feitas em nome das mesmas câmaras.

Apreensão de batata

Sôbre a apreensão de sete sacas de batata, efectuada anteontem num talho da calçada do Combro, caso a que nos referimos no nosso número de ontem, diz-nos Vicente Gabriel, encarregado do referido estabelecimento, que a batata não era para vender, estando ali guardada a pedido do seu amigo Gentil Gomes, e destinando-se ao 1.º grupo da Administração Militar.

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reúniu esta comissão e tratou da situação dos camaradas presos, como de costume, registando que ainda ontem não foram afiançados os camaradas que para isso estavam indicados, em vista das dificuldades que há para a aceitação dos fiadores, que se arranjam, ficando êstes camaradas à espera não se sabe quanto tempo.

No entanto, deve esta comissão tratar hoje, com o delegado para isso eleito, de saber de positivo o que há em referência às fianças dos restantes camaradas que se encontram presos por questões sociais.

Também se aguarda a efectivação dos julgamentos dos camaradas que se encontram entregues à 1.ª divisão militar, assim como os julgamentos dos camaradas rurais do Vale de S. Tiago, que para satisfação da burguesia e assambarcadores se encontram ainda presos.

Para tudo isto chamamos a atenção da classe trabalhadora, a fim de prestar a sua solidariedade aos camaradas presos, minorando um pouco a sua difícil situação e das respectivas famílias.

Mais um escândalo nas subsistências

A gerência da «A Pensionista» afixou anteontem nas oficinas da Imprensa Nacional, por pertencer a cooperativa exclusivamente ao pessoal da Imprensa, o seguinte edificante aviso:

Tendo-se requisitado uma grade de manteiga à direcção geral do comércio agrícola, foi-nos enviada pelo sr. Marques Nogueira, comerciante de víveres, acumulando com *a chefia da repartição, por onde correm estas requisições*, uma guia para levantar 10 quilogramas daquele género. Como a quantidade fôsse irrisória para a podermos ratear, remetemo-la directamente ao director geral do comércio agrícola, pedindo rápidas providências, como é de justiça.

Lisboa, 12 de Novembro de 1919.—*A Gerência*.

Comentários não são precisos. Basta a parte que pômos em itálico, para que todos reconheçam a *degringolade* em que tudo anda. «A Pensionista» tem perto de 500 sócios, requisita uma grade de manteiga, que anda por cêrca de 50 quilogramas, e recebe uma guia só para 10, o que dá em média 20 gramas a cada sócio. O aviso termina dizendo que pediu rápidas providências, *como é de justiça*.

A verdadeira justiça seria pôr na rua todos os tendeiros acumuladores de chefia das repartições do Estado, que, talvez, por agora, a cousa entrasse um pouco na decência.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem indicar o paradeiro da **Comissão de Trabalho** da *Associação dos Pasteleiros e Confeiteiros*. Indicar R. Palmira, 50. A. P. S.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil.—A comissão administrativa tomou conhecimento de vário expediente, assim como do modêlo da caderneta confederal, sendo resolvido participar à C. G. T. que, quanto à forma da cobrança da cota, só se deve fazer a confederal e federal e não a sindical, pois que a cota do sindicato é feita com os selos federal ou confederal, isto é, o que melhor aprouver. Foi resolvido que um delegado fôsse a Alcacer do Sal, para tratar da fundação ali de uma secção, e bem assim enviar delegados a vários pontos do país a fim de organizarem os operários desta indústria.

Polidores de Móveis.—A comissão administrativa apreciou o expediente, entre o qual se destacava um ofício da comissão de melhoramentos, convidando-a a oficiar às comissões pró-aumento de salário transacto para prestarem contas o mais depressa possível, a fim da comissão administrativa poder ultimar os seus trabalhos, em vista da organização do Sindicato Unico da Indústria Mobiliária.

Construção Civil de Parede.—As comissões que estão nomeadas pelas associações de classe de Cascais e Parede, para se movimentarem contra a carestia da vida, tomaram as seguintes resoluções: Convidar as restantes colectividades para, de comum acôrdo, se realizarem sessões, a primeira das quais terá lugar no segundo domingo de Dezembro em Aldeia-de-Juzo, seguindo-se as outras em Murtal, Talaíde, Galiza, Abóbada, Alcabideche, Manique, S. Domingos de Rana, Caparide, sendo a última em Cascais. Assistirão a estas sessões delegados da organização operária de Lisboa. Resolveu-se ainda saudar *A Batalha*; protestar contra as prisões dos jovens sindicalistas e organizar em Taloide uma associação de classe de trabalhadores rurais e, em Alcabideche, uma secção da construção civil. No final das sessões abrir-se hão subscrições para a «Casa dos Trabalhadores».

Marceneiros.—Reúniu ontem a assemblea geral dêste sindicato para prosseguir nos trabalhos da assemblea geral transacta. Antes da ordem dos trabalhos o camarada Alfredo Marques enviou uma questão prévia para a mesa, do teor seguinte:

«Considerando que vão decorridas algumas semanas após o movimento pró-aumento de salário, e que a comissão de melhoramentos a quem estava confiada a liquidação das referidas contas moralmente ainda não as satisfez; considerando que uma velha aspiração do sindicato dos marceneiros, a abolição das horas suplementares, tem sido descurada pela comissão de melhoramentos, executando-se abusivamente nalgumas oficinas trabalho durante horas suplementares: a assemblea resolve impor à comissão de melhoramentos a liquidação imediata de contas do último movimento pró-aumento de salário, e, enquanto no exercício das suas funções, convida-a a fazer cumprir a abolição do trabalho suplementar, protestando contra o desprêso absoluto dos seus membros, e passa à ordem dos trabalhos».

Apreciada uma circular da Confederação Geral do Trabalho, foi enviada para a mesa uma proposta de Vitor Judicibus, do seguinte teor:

«Proponho que esta circular baixe à comissão organizadora do Sindicato Unico das Indústrias Mobiliárias, que dará o seu parecer na próxima assemblea geral».

—A direcção, desejando o bom andamento dos seus trabalhos, pede a comparência dos cobradores ao domicílio, para o mais depressa possível prestar contas. Pede também a todos os camaradas que pagam na sede para liquidarem as suas cotas.

Operários do Arsenal de Marinha. — Em reúnião da comissão administrativa, foi resolvido saudar os russos pelo 2.º aniversário da Grande Revolução Proletaria, e protestar contra o que a burguesia universal está fazendo para abafar a voz dêsses heroicos lutadores da Igualdade e da Liberdade.

A mesma comissão comunica mais uma vez a todos os Sindicatos e Federações e quaisquer entidades que tenham que se lhe dirijam que a nova sede é na calçada da Graça, 12, 1.º Continuam com grande actividade os trabalhos de reparações nas salas dêste sindicato, cuja inauguração, bem como o seu aniversário, e abertura das aulas de instrução primária, esperanto, etc., etc, se fará no dia 1 de Dezembro com grande solenidade.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil.—Hoje reúnem o Conselho Federal e os delegados das associações para aprovação do regulamento do Sindicato Unico, pelas 20 horas.

Canteiros e Polidores de Mármores.—São convidados todos os camaradas que fazem parte da comissão do aniversário desta classe a reúnir hoje, pelas 20 horas.

Barbeiros.—A assemblea geral reúne hoje, às 21 horas.

Fragateiros.—A direcção reúne hoje, pelas 18 horas, para tratar assuntos urgentes.

Profissionais de Culinária.—A assemblea geral reúne hoje, pelas 22 horas.

Sindicato Unico da Indústria Mobiliária.—Reúne hoje, às 18 horas, a comissão organizadora do Sindicato Unico Mobiliário, afim de apreciar um documento que deve ser votado na sessão magna, que se realiza às 20 horas. Pede-se aos delegados dos estofadores a sua comparência.

—Realiza-se hoje, na sede da Federação Mobiliária, às 20 horas, na travessa da Agua da Flôr, n.º 20, 1.º, uma sessão de prapaganda pró-organização do Sindicato Unico das Classes da Indústria Mobiliária, aonde a respectiva comissão organizadora exporá os resultados dos seus trabalhos.

Barbeiro agressor

Foi prêso o barbeiro Joaquim Marques, rua dos Mastros, 3, que estando ali a fazer a barba a Patrício Janeiro, rua da Silva, 18, 3.º, propositadamente o agrediu com a navalha de barba.

O prêso foi ontem enviado para juízo.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Juventude Sindicalista de Beja. — Promovida pela Comissão de Propaganda da Juventude Sindicalista de Beja, realizou-se no dia 8 do corrente, na sede, da Construção Civil, uma sessão de propaganda a fim de se comemorar a data do início da Revolução Socialista Russa. Assistiram a ela muitos proletários, que acorreram ali com entusiasmo. A sala encontrava-se repleta de gente.

Falaram: Manuel Rodrigues, membro da comissão de propaganda; Alberto Rosa Luces, delegado da U. S. O.; Manuel Ramos, Manuel Côrro e João da Rosa, delegado da Associação dos Trabalhadores Rurais.

Juventude de Vila Nova de Gaia. — A comissão administrativa apreciou trabalhos diversos que careciam de pronta resolução e tomou resoluções de carácter reservado sôbre a propaganda. Foi resolvido que desde já se nomeie a comissão administrativa para o próximo ano; assim como começar desde já a normalizar a cobrança, devido aos trabalhos que esta agremiação vai encetar e que acarretarão enormes despesas.

Verificou-se o grande desenvolvimento que esta agremiação vai tomando, sendo um agradável sintoma de que o operariado de Gaia vai abandonando os políticos, encerrando-se nos baluartes donde há de sair a sua emancipação.

Apreciando por último a carestia da vida e a exploração ignóbil que pelos senhorios está sendo exercida sôbre o povo de Gaia, pois que nesta vila também os senhorios teem aumentado as rendas dos pardieiros onde habitam os desgraçados operários, foi resolvido protestar energicamente.

Resolveu por último saudar as novas juventudes que se teem organizado e a União das Juventudes Sindicalistas, com quem deseja êste organismo ter relações.

Juventude de Belem—A comissão organizadora dêste núcleo convida mais uma vez todos os jovens a inscrever-se e participa a todos os camaradas já inscritos que a primeira assemblea se realiza na próxima semana. A inscrição é na sede provisória, rua Paulo Gama, M 6-1.º.

Juventude do Barreiro.—Reúniu a comissão administrativa, resolvendo sôbre o manifesto a sair expondo os fins dêste organismo.

No Arsenal da Marinha

Camarada redactor.—Consumou-se, enfim, a vontade do eunuco que, para vergonha dêste estabelecimento fabril, o primeiro no país, ainda é mestre de uma das oficinas do Arsenal. O aprendiz a que o outro camarada se referiu, perseguido por lêr *A Batalha* e por não ser dos que lhe satisfazem baixos instintos, foi castigado com 20 dias de suspensão. E' preciso esclarecer, para que suposições não caiam nos honestos, que êle se chama Joaquim José Gomes, é mestre da oficina de caldeiras de vapor, e que a alcunha de Joaquim Leitão lhe vem do tempo em que se distinguia no Alto do Pina, não sabemos em que especialidades...

O caso da suspensão do aprendiz produziu desgôsto entre os operários da mesma oficina, que chegaram a pensar em dar ao invertido um bem oportuno e merecido correctivo, tendo, cremos, adiado um gesto, que se impõe, de moralidade e de altivez, que reduza às verdadeiras proporções quem não devia merecer cotação entre os homens honestos e dignos, quanto mais continuar como dirigente duma tam importante oficina. Mas, casos dêstes, é bem de ver, deviam ser tomados em consideração, partindo de cima, evitando que desagradáveis acontecimentos algum dia se venham a produzir, no que tudo aproveitaria: a justiça e a disciplina moral numa casa de trabalho.—*Outro que também lê «A Batalha»*.

Os rendimentos dos operários

Nos autos da Cruz Vermelha foram conduzidos ao Hospital de S. José:

Manuel Maria, de 61 anos, marítimo, residente na rua Vicente Borga, 31, 2.º, que caiu a bordo de uma lancha no Cais da Areia, fracturando a rótula esquerda. Depois de pensado no Banco, deu entrada na enfermaria C 2 A B do Hospital de Santa Marta.

— Joaquim João, de 16 anos, marítimo, morador na rua da Praia do Bom Sucesso, 89, 2.º, que a bordo do navio *Dejonides*, atracado à doca do Bom Sucesso, caiu, fracturando a perna direita. Depois de pensado no Banco, recolheu à enfermaria 1 (S. Fernando) do Hospital do Desterro.

NECROTÉRIO

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. Alfeu da da Cruz e peritos drs. Asdrubal de Aguiar e Sant'Ana Rodrigues, efectuaram-se ontem, na Morgue 28, exames directos a indivíduos vítimas de crimes e entregues aos tribunais, entre eles a Alice do Carmo, que conta 31 prisões, e que na calçada do Carmo foi, há tempos, agredida por Manuel Marques Pinho; e Pedro da Costa, 2.º sargento 550 da 2.ª companhia de Sapadores Mineiros, José Alexandre Coelho Simões e Manuel Joaquim Valas, que no dia 10 do corrente se envolveram em desordem numa casa de vinhos no largo de Camões, conhecida pela *Floresta*.

Apesar de tantas escusas aos convites feitos pelo govêrno para a reitoria da Universidade de Coimbra, vai afinal, do que agora se afirma, ser nomeado reitor dêsse instituto um dos seus professores.

O temporal

Em consequência do violentíssimo temporal que ontem se desencadeou sôbre Lisboa, ainda não poderam seguir para os portos do Brasil, Argentina e Pacífico, os paquetes ingleses *Deseado* e *Orcoma*. Se o tempo permitir largarão hoje do Tejo, sendo às 9 horas a última tiragem, da Caixa Geral, da correspondência para aqueles portos.

O caso Dias da Silva

O sr. dr. Augusto Lopes Carneiro, juiz aposentado e comissário da polícia do Porto, começou ontem com os seus trabalhos sôbre a sindicância requerida pelo sr. dr. José Rodrigues Escaicas, director da polícia de investigação de Lisboa, sôbre uma notícia publicada em dois jornais da noite, em que se dizia que o sr. director da polícia havia comunicado aos reporters que ia ser enviado para o tribunal um auto de investigação em que se achava envolvido o deputado socialista sr. Augusto Dias da Silva.

Foram ouvidos os representantes dos jornais *Seculo, Diario de Noticias, Vitória, Manhã, Capital* e *Mundo*, que fazem serviço no gabinete *dos reporters*, no govêrno civil.

NA BARRA

Naufragio dum lugre

Da tripulação salvam-se 4 homens

S. JULIÃO DA BARRA, 13.—Avista-se ao sul desta estação um lugre sôbre os baixios da barra, com 4 velas içadas, mas não anda. Parece ter tocado no fundo. Não pede socorro, mas é muito perigoso o lugar onde se encontra.

Em Lisboa soube-se à tarde que se tratava de um lugre americano que foi a pique, salvando-se apenas quatro homens da tripulação, que foram desembarcados em Paço de Arcos.

THEATRO SÃO LUIZ

Amanhã, sabado—Inauguração da época de inverno—A celebre revista o *Pé de Meia*, ampliada com o novo acto intitulado O ROCIO e com duas novas apoteoses.

O atentado do Alto de Santa Catarina

Falsas informações do «Século»

Publicava *O Século*, de ontem, uma desenvolvida notícia sôbre o que dizia ter-se passado anteontem na Boa-Hora, afirmando que Artur Pinto Alonso, acusado de ter participado no atentado contra o sr. Alfredo da Silva, cantara a *Internacional*, no que fôra acompanhado, em côro, pelos restantes presos. Pois o nosso camarada Júlio Luís, que no tribunal se encontrava a tratar da situação de quatro operários arsenalistas, que, como noticiámos, haviam sido presos sob a acusação de fazerem propaganda... bolchevista, veiu-nos declarar ser falso aquele informe, pois Artur Pinto Alonso estivera sempre isolado num calabouço, mantendo-se no maior sossêgo, como o pode atestar o oficial de diligências sr. Mega, a quem o prêso estava confiado. Tam tendencioso serviço de informação é da responsabilidade daquele excêntrico personagem que dá pela alcunha de *Esculápio* e que tam facilmente lança a dôr e a vergonha no seio de dezenas de famílias, com os seus inconfundíveis processos de fazer *reportagem*.

—Foi ontem levantada a incomunicabilidade ao operário estucador Joaquim da Silva, que se achava na esquadra da Mouraria, por suspeita de se achar envolvido no atentado contra o sr. Alfredo da Silva.

O prêso foi conduzido para o govêrno civil, onde foi largamente interrogado pelo agente Maia, continuando a afirmar que nada tem com o atentado.

—Na enfermaria 5 (S. Francisco) do hospital de S. José, procedeu-se ontem ao exame directo a Raúl Rodrigues de Sousa, «chauffeur» do sr. Alfredo da Silva, ferido com estilhaços de bomba, quando do atentado àquele industrial, sendo também feito ontem na Morgue exame ao cabo de polícia 125, José Bernardino Aires Pereira, ferido na mesma ocasião, quando ajudava a capturar um dos implicados no atentado.

NO BAIRRO ALTO

Tragedia sangrenta

Um homem morto a tiros de pistola e uma mulher em estado grave

Desenrolou-se ontem uma scena de sangue na travessa dos Fieis de Deus, que deixou tristemente impressionados os moradores daquele sítio. No prédio número 80, habitava, no 2.º andar, um fundidor de metais, chamado António Pereira, vivendo em sua companhia Maria Simões, de 24 anos, criatura casada com um indivíduo que está na América, de quem tem uma filha. Um seu irmão, pouco satisfeito com o procedimento da irmã, resolveu ontem tomar solene desfôrço, dirigindo-se, cêrca das 18 horas, para aquela residência. Encontrando ali os dois, tendo a Maria Simões a filhinha ao colo, dirigiu-lhes algumas palavras, puxando imediatamente duma pistola e disparando dois tiros, ficando António Pereira morto e Maria Simões ferida gravemente no peito, o que todavia não obstou a que fugisse pela escada abaixo, com a filha ao colo.

O criminoso não tentou fugir, tendo sido êle próprio quem chamou a primeira autoridade que compareceu, um militar, ao qual disse do alto da escada:

—Suba, que fui eu o criminoso.

E acrescentou, no acto da captura, ao entregar a pistola com que perpetrou o duplo crime:—«Ainda não estou arrependido».

O criminoso foi levado para o pôsto da guarda republicana, na Caixa Geral dos Depósitos, seguindo dali para o govêrno civil.

Academias, Universidades e Escolas

Comissão Escolar da Construção Civil. — Resolveu que, em face das dificuldades que à última hora se levantaram, seja adiada a inauguração das aulas por alguns dias, para que não faltem aos alunos as comodidades necessárias, tanto na aula de instrução primária, como na de desenho. Deliberou ainda convidar todos os operários da construção civil, sindicados, assim como seus filhos, a inscreverem-se nos livros de matrícula. Em reunião de ontem resolveu comunicar a todos os sindicatos e federados que vai abrir aulas diurnas, podendo já inscrever-se os filhos dos sócios. As aulas abrem ainda êste mês.

Sôbre uma manifestação

E'-nos pedida a publicação do seguinte.

Sr. redactor da «Batalha» — Tendo lido em vários jornais que eu tinha promovido uma manifestação à vereação da actual câmara, devo dizer em abôno da verdade que não fui promotor, nem tomei parte na manifestação, nem com ela me solidarizo.

Devo esta explicação aos meus velhos camaradas, a fim de que a meu respeito se não façam juizos errados e injustos. — *Manuel José Martins Vagueiro.*

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 13

Vapor português *Cintra*, de Plymouth; vapor inglês *Orcoma*, de Liverpool.

Saidas nesta data

Vapor inglês *Deseado*, para Buenos Ayres; vapor inglês *Orcoma*, para Buenos Ayres; vapor holandês *Zaaymeter*, para Amsterdam; vapor norueguez *Lesseps*, para Liverpool.

Sindicato Unico da Indústria Mobiliaria

Prossegue a comissão organizadora os seus trabalhos, esperando em breve vê-los coroados de êxito. Nomeou dois delegados a uma sessão de protesto contra o aumento das rendas de casas e enviou ofícios à Secção do Alto do Pina, Pessoal E. dos Tabacos, Alunos de Apolo, pedindo a cedencia das suas salas para a realização de sessões de propaganda, respectivamente nos dias 18, 20 e 25 dêste mês.

Foi profusamente distribuido por todos os operários da indústria um manifesto sôbre a necessidade do sindicato único, e convidando-os a assistir a uma sessão magna que se realiza hoje na sede sindical, às 20 horas.

I Congresso Ferroviário

Está constituida a comissão organizadora

Acha-se constituida esta comissão, que teve a sua primeira reúnião anteontem, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Ferroviário da C. P., onde ficou instalada.

Iniciaram-se os trabalhos preparatórios, resolvendo-se, entre outros assuntos, oficiar a todos os Sindicatos ferroviários do país e respectivas delegações, dando-lhes conhecimento do início dêsses trabalhos e enviar um delegado às linhas das companhias Nacional, Beira Alta, Povoa e Famalicão, Minho e Douro, Lixa e Guimarães, a fim de tratar com aquele pessoal de assuntos que se prendem com a organização do Congresso.

A comissão é composta pelos ferroviários Manuel Ribeiro, Manuel Tomé, Antonio Sarracasio, Antonio José Piloto, Joaquim Figueiredo, Teodósio Duarte e Miguel Correa, devendo a correspondencia sôbre o Congresso ser enviada para o Sindicato Ferroviário, rua Arco Marquez do Alegrete, 30, 2.º, Lisboa, endereçada ao secretário da comissão.

Com a ponteira dum chapéu de chuva

Na enfermaria 1 (S. Fernando) do Hospital do Desterro, deu entrada Americo da Silva, de 17 anos, jornaleiro, residente na calçada da Pampulha, que, tendo-se envolvido em desordem com outros indivíduos na Praça da Figueira, foi por um dêles agredido com a ponteira dum chapéu de chuva, ficando ferido na fronte.

Atropelado por um eléctrico

Manuel Gil Peres, de 41 anos, cozinheiro, morador na travessa do Monte do Carmo, 27, 3.º, quando ontem de manhã passava pela rua da Escola Politécnica, foi atropelado por um eléctrico guiado pelo guarda-freio 582, José Gomes, ficando muito ferido pelo corpo, cabeça e com o braço esquerdo fracturado. Conduzido pelos cívicos 1851 e 851 ao posto de socorros da Imprensa Nacional, foi ali pensado pelo enfermeiro Matias da Silva, recolhendo depois a casa.

Desastre com arma de fogo

Num auto da Cruz Vermelha foi conduzido ao Hospital de S. José, onde depois de pensado no Banco recolheu à enfermaria 9, do Hospital da Estefânia, Jorge Diniz de Carvalho, de 6 anos, filho de Firmino de Carvalho e de Virgínia Diniz, residente na quinta Saireu ao Pôço da Agua, que estando anteontem com um outro menor da brincadeira com uma arma caçadeira, esta disparou-se, indo a carga atingir aquele na cara e mão direita.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

O funeral do extinto operário carpinteiro João de Morais, que ontem devia realizar-se, ficou transferido para hoje, às 16 horas, em consequência de dificuldades burocráticas que se levantaram.

—Realizam-se hoje os seguintes funerais: de D. Miquelina Romana de Mattos, às 12, da rua Andrade, 17; João Morais, às 14, do hospital do Rego; Bento Marcolino dos Reis, às 14, da rua Infante D. Henrique, 65; Manoel Gonçalves, às 14, do hospital de S. José; Jorge Artur Gualdino, às 14, do mesmo hospital; Paulo Arreira, às 14, da Morgue; António Lopes Ribeiro, às 14, da igreja de Bemfica; menino Joaquim Esaguy Luggi, às 14, da rua do Ouro, 280; D. Isabel Pereira de Sousa, às 15, da travessa da Laranjeira, 18; menina Olímpia Morais Costa, às 15, da rua 4 de Infantaria, 81; D. Faustina Júlia, 15, da calçada do Monte, 65; D. Bertolina Romana de Matos, às 12, da rua Andrade, 17.

OBITUARIO

Cadáveres inumados no cemitério: Alto de S. João, dia 11:

Maria Joaquina Garcia Martins, 74 anos; Lucas Coelho, 61 anos; Guilhermina da Purificação, 80 anos; Corina Maria Pinheiro, 5 m.; Um feto do sexo masculino; José Maria da Silva Guimarães, 38 anos; João Ribeiro Soares, 9 m.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

A 2.ª récita de assinatura da Companhia Dramática, na Trindade, efectua-se, definitivamente, na próxima 4.ª feira, 19, com a primeira representação da comedia de Cepos e Veber, *Em guarda!*

Reclames

Comemorando amanhã o aniversário da implantação da República no Brasil, realiza no Politeama, a companhia Aura Abranches — Chaby Pinheiro uma sensacional récita de gala, dedicada à colonia brasileira, com a famosa comedia *Blanchette*, que todas as noites se repete com extraordinário êxito.

—E' definitivamente depois de amanhã que se realiza a inauguração da época de inverno e 1.ª récita de assinatura com a revista *O pé de meia*, ampliado com o novo acto *O Rossio* e duas novas apoteoses *O Rossio e o futuro* e a *Confederação luso-brasileira*, no S. Luis.

—E' peça para todos os paladares a que tem em scena agora o Apolo, com o título *20 milhões*.

Com graça, sem pornografia, Gomes e Roldão manteem o público em permanente gargalhada, durante três horas, em que os espectadores assistem ao desenrolar de scenas interessantíssimas, enquadradas em surpreendentes scenários, e também realçadas por um esplêndido guarda-roupa.

—Público e imprensa, tecem elogios à representação da peça *o Cardeal*, agora, novamente, no Nacional.

—Sai de scena esta semana a peça *O Libertino*, que tem em scena o Ginásio. Deve, portanto, aproveitar estas récitas de despedida quem ainda não a foi ver.

—Hoje vai à scena no Eden a opereta *O Sonho de Valsa*, em que Cremilda de Oliveira desempenha com todo o talento e gentileza, o papel da apaixonada violinista Frantzi.

—O *Pai Simão* agora a representar-se no Avenida pela companhia Satanella-Amarante, que também entra agora na peça, tem nela um esplendido trabalho, recebendo os dois artistas emprezarios aplausos quentes e prolongados.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 20,45— «O Cardeal».
TRINDADE.—A's 21,30.—"A Exilada".
GINASIO—A's 21,30—A representação da peça "O Libertino".
POLITEAMA—A's 21—"Blanchette", comédia.
AVENIDA — A's 21,15—"O Pai Simão" comédia.
EDEN — A's 21 — «Aqui d'El-Rei» — às 23 — «Sonho de Valsa».
APOLO—A's 20,30 — "Os Vinte Milhões".
COLISEU DOS RECREIOS — Companhia de circo.
SALÃO FOZ—A's 20,30.—Conchita Ulia —Tom Kalwó—Les Jercalis—Perla Negra.
OLIMPIA—Animatógrafo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatógrafo e concerto.
CHIADO TERRASSE — Animatógrafo e concerto.
SALÃO DA TRINDADE — Variedades e animatógrafo.
SALÃO IDEAL—Animatógrafo.—A's 21,15.
CHANTECLER—Animatógrafo, fitas lindas.
TEATRO RECREIOS DA GRAÇA.—Aos domingos, segundas e quintas feiras—A's 21,45—O drama em 4 actos "A Tosca".
SALÃO DOS ANJOS—A's quintas-feiras sábados e domingos, animatógrafo.
SALÃO PORTUGAL — A's 20 horas — animatógrafo.
CINE PARIS (a Campo de Ourique)—A's terças, quintas, sabados e domingos.

ULTIMAS NOTICIAS

A intervenção na Rússia

«Nós não podemos continuar com a intervenção na Rússia»—declara Lloyd George

LONDRES, 12.—T. S. F.—Lloyd George pronunciou um discurso, no qual disse, entre outras coisas:

E' impossível ter a Paz mundial sem a ter na Rússia, e a situação, sob êste ponto de vista, não é nada animadora.

Há umas semanas, o futuro oferecia-se-nos cheio de promessas; hoje tudo parece indicar que a luta vai ser prolongada e sangrenta. Aventurei-me no principio do ano a dizer que o bolxevismo não seria suprimido pela palavra; que era necessário recorrer a outros métodos para restabelecer a Paz e um govêrno honrado naquele país.

O conselho dos aliados fez o povo russo ocasião de decidir por si mesmo a sua forma de govêrno; desgraçadamente, a Rússia não estava então disposta, e há que esperar, portanto, que em data não longa os aliados possam renovar a sua tentativa com maiores probabilidades de êxito.

Nós não podemos continuar uma intervenção tam custosa na guerra civil interminável que o povo russo sustenta; êste é que deve agora examinar a sua situação, e então as potências aliadas poderão estabelecer a Paz e a concórdia naquele grande país.

Rádio.

Os últimos dias de Koltchack

Parte dos seus partidários revoltam-se e convocam uma assemblea popular siberiana

LONDRES, 11.—Comunicam de Viadivostock que, tendo fracassado Koltchack, chefe do govêrno provisório de Omsk, na ofensiva contra o bolxevismo, Ivan Vakuseff, presidente da primeira Duma siberiana, pôs-se à frente duma conspiração para derrubar o govêrno de Koltchack. Com êste fim fez um apêlo para a convocação duma assemblea popular siberiana, com o seguinte programa:

1.º Formação dum govêrno provisório, responsável dos seus actos perante o Congresso dos «zemstvos» (assembleas regionais). 2.º Adopção das medidas necessárias para a convocação duma assemblea constituinte de toda a Sibéria. 3.º Restabelecimento da ordem e das leis civis. 4.º Fazer a transferência para os governos locais da faculdade de se organizarem a si próprios. 5.º Abolição das medidas restritivas que tinham os camponeses excluidos da propriedade das terras. 6.º Restauração das liberdades de associação aos operários profissionais e promulgação das leis de protecção ao trabalho. 7.º Abolição do regime reaccionário no exército. 8.º Proclamação da amnistia para os delitos políticos.—Rádio.

Máscara que cai

A defesa da «Liberdade» e da «Civilização» traduz-se numa repugnante luta de baixas ambições

ROMA, 11.—O *Matino* diz que a seguinte informação lhe foi facilitada por um eminente diplomata:

«O problema turco entrou numa nova fase, depois da negativa da America em aceitar qualquer mandato naquele país.

O govêrno britânico repeliu a condição proposta pelo presidente Wilson, em que se previa a prévia ocupação de Gibraltar pela Inglaterra e pela America, a fim de que não ficasse cerrado o Mediterraneo, e esta negativa é a razão da indiferença da America».

Segundo o mesmo diplomata, pactuar-se-ia um acôrdo anglo-italiano sôbre a questão de Fiume, assente nas seguintes bases:

«A Itália consentiria em fazer renuncias parciais na Asia Menor; esta concessão teria um valor mínimo, posto que a Conferência decidiu deixar à Turquia não só Constantinopla, mas também a Asia Menor. A Itália reconhece que a questão das colónias alemãs é um assunto exclusivamente franco-inglês.

A Inglaterra, por seu lado, apoiaria as reivindicações italianas em Fiume, na Dalmacia e o regime do Adriatico em geral.—*Rádio.*

OS ORTODOXOS E A REVOLUÇÃO RUSSA

Tikhon, papa ortodoxo, declara reconhecer o govêrno dos Sovietes

VIENA, 12.—(T. S. F.).—Uma mensagem de Moscou, de 22 de Outubro, publicada pelo *Morgenzeitung*, de Viena, anuncia que o patriarca Tikhon, que tinha dirigido o anatema contra os bolxevistas, acaba de publicar uma encíclica na qual reconhece o govêrno dos Sovietes pelo facto de que a Rússia não pode ser salva por uma intervenção exterior, mas apenas pela sua unidade interna.

Se o facto é autêntico seria duma importância capital. Desde a queda do czarismo, o patriarca de Moscou é o papa da Rússia ortodoxa.

O reconhecimento do govêrno dos Sovietes pela mais alta autoridade religiosa da Rússia teria um considerável efeito moral nas massas operárias e camponesas, as quais, apesar da revolução, teem permanecido crentes.—*Rádio.*

NA INGLATERRA

Discórdias entre os políticos

Asquith ataca duramente Lloyd George, dizendo ser grave a situação financeira da Inglaterra

LONDRES, 13.—O sr. Asquith, num discurso pronunciado em Aberystwyt, criticou duramente os otimismos do govêrno sôbre o actual estado financeiro na nação. Pôz em destaque o enorme aumento da dívida, e declarou que o ministro cometeu o maior equivoco financeiro que se regista nos anais da história inglesa. Disse, também, que os orçamentos fantásticos não enganavam pessoa alguma. O único caminho para resolver a presente situação é impôr impostos adicionais, os quais podem tomar uma das duas formas seguintes: um aumento da contribuição sôbre o rendimento, ou um imposto sôbre a riquesa realizada ou a realizar.

O antigo presidente do conselho fez um apêlo à nação, convidando-a a estudar sériamente os actuais problemas e criticou os ministros que aparecem na Câmara dos Comuns cheios de satisfação, e o ministro das finanças fazendo jogos malabares com as cifras, ao passo que o chefe do govêrno se dedica a piadas entre a jovialidade duma câmara inconsciente.—*Rádio.*

EM FRANÇA

O ano agrícola

PARIS, 13.—A vindima foi feita nas melhores condições e a colheita é superior ao que se esperava e à do ano anterior, sendo excelente em quantidade e em qualidade. Prevê-se igualmente uma boa colheita de cidra.

Pelo contrário, as batatas, embora de boa qualidade, acusam pequeno rendimento e a colheita anuncia-se como média, e a da beterraba é inferior e de má qualidade. Em certas regiões, como no Loire, a beterraba doce não dará mais de 16:000 quilos por hectare.

Os frutos da última estação, maçãs, peros, castanhas, etc., são abundantes. Uma boa meia colheita de azeitona está feita. As trufas são raras. As sementeiras de outono efectuam-se em boas condições. Prevê-se que as superfícies semeadas serão mais importantes que no ano passado. As primeiras teem-se feito com grande regularidade.—*Rádio.*

A questão do Chantung

A América não quere que o Japão se apodere dessa provincia chinesa

WASHINGTON, 11.—Falando das emendas apresentadas no Senado americano pelo senador Lodge, o sr. Matsui, chefe da delegação japonesa à conferência da paz, disse o seguinte:

«O Japão está um tanto cansado de ouvir Lodge, e cremos que os norte-americanos também o estão.»

O doutor Wellington Koo, embaixador chinês nos Estados Unidos e chefe na delegação dêsse país na conferência, disse sôbre êste assunto o seguinte:

«Se o Japão insiste em se apoderar do Chantung, a China insistirá passivamente. O nosso país jámais transigirá com as condições do tratado. Consideramos o facto dos Estados Unidos não terem ratificado o tratado com uma indicação de que o Japão jámais se apoderará do Chantung.»—*Rádio.*

Nas republicas balticas

VARSOVIA, 12.—O acôrdo entre a Polónia, a Lituânia e a Livónia para a luta contra o coronel Bermont está prestes a ser assinado.

Diz-se também que a Letónia e a Lituânia vão assinar, muito em breve, com o mesmo fim, um convénio militar.—*Rádio.*

Uma descoberta sôbre o papel

¿Passará a sair mais barato?

PARIS, 11—O conhecido fabricante de papel desta capital, sr. Nanulo, declarou a vários jornalistas que o tinham ido visitar com o fim de obterem informações a respeito dum novo invento do citado fabricante, que mediante um novo processo permite o aproveitamento da fôrça hidráulica e eléctrica para se utilizar toda a espécie de ervas para a produção do papel.

O sr. Nanulo facilitou aos jornalistas amostras de papel fabricado pelo novo processo.—*Rádio.*

A Sociedade das Nações

Os Estados Unidos retiram-se?

WASHINGTON, 12. — Ao mesmo tempo que se aprovava por 50 votos contra 35 o direito dos Estados Unidos se retirarem da Sociedade das Nações, o Senado votava também uma lei que nega ao presidente dos Estados Unidos o direito de se opôr com o seu voto àquela resolução.—*Rádio.*

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis